

Observações Sobre Pesquisa Autobiográfica na Perspectiva da Educação Popular nos Estudos de Gênero

Edla Eggert¹

Márcia Alves da Silva²

Resumo

O presente texto é oriundo de pesquisas qualitativas realizadas com mulheres artesãs em dois municípios: Alvorada e Pelotas, encaminhadas pelas autoras durante os anos de 2006 a 2010, na Região Sul do Brasil. Neste escrito são descritas as opções teórico-metodológicas adotadas e analisados os processos construídos durante as pesquisas. A estrutura do texto é composta por duas partes: na primeira, há uma descrição e análise do processo da pesquisa autobiográfica e desdobramentos para a Educação Popular e para as concepções epistemológicas feministas. Na segunda parte são analisadas as experiências de pesquisa encaminhadas pelas autoras nessa perspectiva apresentada anteriormente.

Palavras-chave: Epistemologia. Teoria feminista. Metodologia de pesquisa. Pesquisa-formação.

¹ Pedagoga, doutora em Teologia e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Bolsista Produtividade Nível 2 – CNPq. E-mail: catarinamaas2010@gmail.com.

² Socióloga, mestre e doutora em Educação. Professora-adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: prof.marciaalves07@gmail.com.

OBSERVATIONS ABOUT AUTOBIOGRAPHICAL RESEARCH IN THE PERSPECTIVE OF POPULAR EDUCATION IN GENDER STUDIES

Abstract

The present text is originated from qualitative research accomplished with craftswomen from two cities: Alvorada and Pelotas, carried out by the authors from 2006 to 2010, in southern Brazil. In this article the theoretical-methodological options are described and the processes constructed during the research analyzed. The structure of the text is composed by two parts: in the first one, there is a description and analysis of the process of autobiographical research and developments for Popular Education and for feminist epistemological concepts. In the second one the experiences of the research carried out by the authors are analyzed in the perspective presented earlier.

Keywords: Epistemology. Feminist theory. Research methodology. Formation-research.

A pesquisa autobiográfica e seus atravessamentos

A pesquisa em educação vem ampliando suas referências metodológicas nos estudos autobiográficos tanto a partir da tradição da história oral quanto numa tradição de histórias de vida escritas com base em documentos ou mesmo em exercícios realizados com pessoas pesquisadas mediante memoriais descritivo-analíticos.³ Maria Helena Menna B. Abrahão et al. (2004) e Elizeu Clementino de Souza (2006b) apresentam aspectos significativos da identificação de autorias e subjetividades na pesquisa auto-biográfica. A narrativa tem sido uma das opções mais usadas no campo da educação nos últimos dez anos (Kramer, 1998; Josso, 2004). Quem narra constrói um estilo e um estudo em torno da sua narrativa, analisando seus processos formativos.

Essa preocupação em pesquisar a história, o cotidiano, a prática pedagógica, ouvindo professoras e professores ou alunos e alunas é por nós identificada com a fundamentação construída no argumento de Paulo Freire. Com ele aprendemos sobre a importância da historicidade, do contexto de quem aprende e das formas como ele foi metodologicamente propondo os temas geradores para que o sujeito pudesse ler a palavra e o mundo. A partir das mobilizações como o Movimento de Educação de Base (MEB) e dos Círculos de Cultura a pesquisa em educação no Brasil acrescenta para o campo investigativo muitas possibilidades metodológicas de pesquisa. Pesquisa que, tanto na teoria quanto na empiria, buscou um comprometimento com a realidade social. Os temas de pesquisa participante e também círculos de cultura produzidos nas décadas de 60, 70 e meados de 80 foram retomados em pesquisadores como Carlos Rodrigues Brandão (2003), Paulo Roberto Padilha (2004), Gomercindo Ghiggi (2002), Danilo Streck (2006). Em Freire, segundo Ghiggi (2002, p. 55), há no diálogo o suporte “político-epistemológico” para os caminhos da investigação em uma educação “coerente com suas opções filosóficas, políticas e epistemológicas”.

³ Ver teses de Doutorado defendidas de Remi Klein, 2004; Elizeu Clementino de Souza (2006a; 2006b).

A proposição fundamentada em Paulo Freire possui desdobramentos epistemológicos para o campo da educação, a pesquisa autobiográfica, a pesquisa participante, os estudos feministas e mais recentemente os estudos culturais que também compõem provocações nesse campo do saber.

O diálogo interdisciplinar provoca, no campo da educação, uma escuta e uma escrita atravessadas pela prática pedagógica. Lemos, escrevemos e escutamos sobre a importância do resgate das conexões que acontecem no processo de ensino e de aprendizagem. Muitas narrativas são construídas nesse campo do saber.⁴ Por esse motivo que as histórias de vida docente e discente vêm à tona. A formação da educadora e do educador no âmbito escolar e não escolar possui a capacidade de gerar inúmeras hermenêuticas, olhares e fundamentos que instalam novas e outras interpretações do que pode estar sendo a vida de quem ensina e aprende. A mediação pedagógica que acontece nesse processo em que a exclusão e a inclusão de saberes e conhecimentos marcam a trajetória educativa e são parte de nosso objeto de estudo.

A pesquisa participante proporcionou durante as décadas de 70 e 80 do século 20 uma movimentação entre academia e movimentos sociais que produziu uma série de publicações e pesquisas sobre temas bem pouco abordados até então pela pesquisa acadêmica em educação.⁵ Durante a década de 90 essa metodologia perdeu um pouco da sua força criadora, desdobrando-se em muitas outras perspectivas, mas retoma fôlego na virada do século 21 em pesquisas agora ligadas a administrações públicas de municípios alinhados a

⁴ Cf. Maria Isabel Cunha, em seu livro *O professor universitário na transição de paradigmas*, (1998) destaca a necessidade do ato narrativo como constituidor da visibilização de produção de conhecimento para a professora que, envolvida num cotidiano exaustivo da prática educativa, quase não percebe sua capacidade de construção do conhecimento.

⁵ Além de Carlos Rodrigues Brandão (1988, 1984) em seus dois livros organizados sobre pesquisa participante, há o livro de Marcela Gajardo denominado *Pesquisa participante na América Latina* (1986) e mais recentemente um livro organizado por Carlos Rodrigues Brandão e Danilo R. Streck (Org.) *Pesquisa participante: o saber da partilha* (2006) que atualizam e recolocam questões políticas da produção do conhecimento na América Latina. O texto de Fals Borda no primeiro livro de Brandão sobre Pesquisa Participante e no segundo texto em forma de entrevista no livro organizado por Brandão e Streck (2006) reforça o caráter de transformar a academia distante da realidade em ativa e coadjuvante nas transformações sociais.

uma perspectiva mais para a esquerda política. Administrações municipais e estaduais de orientação política mais à esquerda no Brasil possibilitaram a entrada de pesquisadores e pesquisadoras a fim de observarem o andamento dos Orçamentos Participativos, dos Conselhos Municipais, etc.⁶

No campo dos estudos feministas a problematização do conhecimento produzido para as mulheres com o objetivo de constituir a sua subordinação foi vasto, assim como as pesquisas construídas para observar as resistências e as recriações com base na insubordinação também estão presentes em publicações, como, em periódicos como a Revista Pagú e a Revista Estudos Feministas. Sandra Harding (1993) e Andréa Nye (1995) revelam uma das características principais desses estudos quando destacam o esforço inicial das teóricas feministas em desconstruir as teorias produzidas no campo do conhecimento científico em que, segundo Harding, “a política liberal e sua epistemologia empirista, o marxismo, a teoria crítica, a psicanálise, o funcionalismo, o estruturalismo, o desconstrutivismo, a hermenêutica e outros modelos teóricos aos quais recorreremos, ao mesmo tempo se aplicam e não se aplicam às mulheres e às relações de gênero” (1993, p. 7-8). Heleieth Saffioti (1979), além de outras pesquisadoras como Rose Marie Muraro (1983), produziram publicações voltadas para a questão da realidade das mulheres brasileiras⁷.

A compreensão da desconstrução vinda do campo das teorias feministas mostra a parcialidade do argumento da razão instrumental que desconsidera a imaginação, a subjetividade e a experiência pouco mensurável como que estéril para o mundo da “ciência”. Guacira Lopes Louro (2002) destaca que a entrada de temas na academia que mostram as implicações entre o público e o privado, fazendo isso por métodos pouco ortodoxos, foi recebida pelo saber constituído com desconfiança e menosprezo. E, citando Bila Sorj, Louro (2002, p. 19)

⁶ Cf. Carlos Rodrigues Brandão e Danilo R. Streck (Org.). *Pesquisa participante: o saber da partilha* (2006).

⁷ Em especial aponto para os seguintes estudos sistematizados por Heleieth Saffioti: *Violência de Gênero no Brasil Contemporâneo*. 1994; *O estatuto teórico da violência de gênero*. 1999; *Gênero, patriarcado, violência*. 2004.

oportuniza a reflexão de que “a sociedade moderna construiu um ideal de esfera pública e instituições políticas fundadas numa moral racional e desta moral racional estão excluídos o desejo, a empatia, afetividade, sentimentos”.

Corpo, conhecimento e trabalho artesanal

O trabalho artesanal está ligado intimamente ao corpo. Sem corpo não há trabalho artesanal. O trabalho intelectual também está ligado ao corpo, mas desde muito tempo aprendemos a ligar o trabalho intelectual à razão, às coisas do espírito, à parte mais nobre do corpo, que é a cabeça. A tradição grega e mais tarde também a tradição cristã darão um sabor e saber especial na separação entre corpo e mente, quando passa a ser considerado mais digno o trabalho da mente que o trabalho do corpo. Assim, para alguns poucos, estava reservado o trabalho intelectual, mais especificamente para alguns homens gregos, filósofos e políticos e para alguns homens do alto clero da Igreja Católica em toda Idade Média. Wanda Deifelt (2002, 2004) problematiza o corpo das mulheres na herança patriarcal dando a entender o quanto a subordinação que as mulheres vivenciam, passa pela inscrição às vezes violenta, outras vezes sutil do corpo. O corpo que é [d]escrito “se torna texto, a partir do qual se podem ler mitos, a ordem simbólica, a tessitura social” (Deifelt, 2004, p. 35).

O corpo das mulheres, bem como o trabalho oriundo desses corpos, têm sido temáticas recorrentes nos estudos de gênero e não é por acaso. Foi com as dores no corpo que Deus, segundo a narrativa bíblica na tradição judaico-cristã, castigou Eva por transgredir a regra dada por Ele no jardim do Éden. Regra essa que dizia respeito a não comer do fruto do conhecimento do bem e do mal. Foi também o corpo dela tema durante toda Idade Média como o grande perigo dos pecados da carne.⁸ Além do corpo como sedutor e pecaminoso, as mulheres têm o corpo dos outros como fonte de cuidado. Desde a criação gerada em seu

⁸ Cf. George Duby. *Eva e os padres – damas do século XII*. Jean Delemeau. *História do medo no ocidente – 1300 a 1800*; Santo Agostinho. *Confissões*.

ventre e os cuidados com ela, a toda a família e ao pranteamento dos mortos, as mulheres conceberam um corpo de conhecimento voltado para o seu corpo e os corpos dos outros. Das parteiras às benzedadeiras temos registros de mulheres que foram pioneiras no processo dos cuidados médicos.⁹ Nessa direção queremos destacar a herança que as mulheres trazem com relação aos corpos, aos trabalhos com os corpos e com os trabalhos manuais. Muitas mulheres seguem em grande medida a herança de suas antepassadas buscando realizar no tear ou nas agulhas e fios, bordados e linhas a concretização de ideias e sonhos de um conhecimento e uma estética poucas vezes analisada e observada pela Ciência e na academia. O trabalho artesanal compõe a história de um conhecimento da vida, do mundo das mulheres Também a violência para com as mulheres é um conhecimento apreendido ao longo do processo na vida das mulheres.¹⁰

As histórias das mulheres ligadas à classe, raça e cultura mostram que o trabalho feminino geralmente esteve ligado a ações do corpo, feito com o corpo, mas também na subjetividade e percebidos pelo toque, pelo olhar, ou seja, uma linguagem que fica, em grande medida, banida do processo de pesquisa acadêmico. No máximo conseguimos traduzir em forma de narrativas, em recortes de histórias de vida, mas sempre em palavras sobre o que as mulheres fazem, como fazem, por que fazem para quem fazem. O que pensam e o que sentem, em especial esse último, fica subsumido da cena acadêmica, pois a palavra escrita nem sempre consegue captar e capturar essa dimensão por meio da narrativa (e no nosso caso de pesquisa a narrativa das mulheres) que poderia conter outras linguagens. Em especial podemos destacar a estética das coisas que elas produzem, coisas que nem sempre, a não ser por parte da Antropologia,

⁹ Cf. Lucia Tosi (1987).

¹⁰ Nos movimentos populares desde a década de 60 as mulheres do Terceiro Mundo e, no nosso caso, as mulheres brasileiras, têm desenvolvido inúmeras tarefas em torno do bem-estar do corpo das pessoas que lhes estão próximas. Os trabalhos manuais/artesanais em grupos de mulheres sempre fizeram parte nas Igrejas tanto conservadoras quanto progressistas, como em setores ligados a cooperativas e Organizações Não Governamentais. As mulheres foram e vão construindo um saber intimamente ligado ao uso do corpo nos trabalhos manuais (utilizo como sinônimo trabalho artesanal ou artesanato). Há nesse aprender uma episteme que suspeitamos ser singular no processo de aprendizagem delas.

são resgatadas e valorizadas no mesmo patamar do uso da palavra e, em especial, a palavra escrita. Sandra Harding enfatiza que “As feministas assinalam a unificação dos esforços mental, manual e emocional no trabalho da mulher, o que lhes proporciona uma compreensão potencialmente mais abrangente da natureza e da vida social” (1993, p. 27).

A imaginação, a subjetividade, o trabalho manual é ainda muito pouco absorvido para que na palavra escrita esteja a mulher que não está no mundo público e acadêmico, mas segue dando “suporte” ao mundo da vida. Esse conhecimento nos parece instigante de ser [re]descoberto por meio de *metodologias de pesquisa no campo feminista e também popular*. Ruth Hubbard (1993, p. 31) advoga que “A contribuição que as feministas têm a dar é insistir em que a subjetividade e o contexto não podem ser eliminados e devem ser reconhecidos, se quisermos compreender a natureza e utilizar o conhecimento assim adquirido sem agredi-la”.

Acreditamos que o campo educacional, e em especial a Educação Popular no que diz respeito à pesquisa qualitativa e mais especificamente à pesquisa autobiográfica, vem desenvolvendo a habilidade de reconhecer limitações da produção de conhecimentos que se atenham à racionalidade científica produzida ao longo da tradição moderna. A capacidade criadora dependerá de ousadias e rupturas a serem feitas para que outras metodologias se componham como geradoras da construção do conhecimento no campo educativo. Se nós pudermos aprender com as “curiosidades epistemológicas” de Paulo Freire que se desdobraram metodologicamente na Educação Popular e também na pesquisa participante, podemos aprender também com a pesquisa (auto)biográfica e com os estudos feministas. São provocações epistemológicas desses múltiplos campos do saber que comprovam tempos culturais diversos e outros saberes a serem pesquisados como metodologias inovadoras.

A autobiografia como proposta metodológica de pesquisa traz relevância para o campo da educação no eixo da formação tanto formal quanto não formal, para a análise dos saltos de aprendizagem. Ao misturarmos autobiografia e concepções dos estudos feministas, observamos o quanto as mulheres têm

ainda para sistematizar seus processos de aprender a aprender e a ensinar e, ao fim e ao cabo – a Ser – especialmente nas pesquisas que desenvolvemos com mulheres que se dispuseram a experimentar essa metodologia e que possuem a experiência profissional do trabalho artesanal muito relacionado às experiências vividas entre elas. Na sequência serão abordadas as duas experiências metodológicas que encaminhamos e que tiveram como aproximação o uso de abordagens autobiográficas, tanto em pesquisa-formação quanto em grupos de discussão.

A experiência da pesquisa-formação com as artesãs envolvidas

Com o propósito de realizar um estudo sob o ponto de vista educativo com base no processo de trabalho artesanal de mulheres vinculadas às cooperativas de artesãs das cidades de Alvorada e Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, a proposta investigativa foi a de abordar as trajetórias de vida das mulheres envolvidas, abarcando especialmente suas vivências educativas no mundo do trabalho. Dessa forma, as investigações encaminhadas se propuseram a contribuir com a produção teórica tanto do mundo do trabalho quanto da educação, incorporando vivências de artesãs organizadas em cooperativas populares. Procurou-se dialogar com as vivências das mulheres artesãs por meio de um referencial teórico que abordasse suas experiências, contribuindo, dessa maneira, para uma adequada reflexão e compreensão sobre as trajetórias femininas. Sendo assim, a teoria feminista (tendo como principais referenciais as obras de Marcela Lagarde y de Los Rios, Michelle Perrot e Heleieth Saffioti) e a economia solidária foram parceiras nesse percurso.

A metodologia empregada nessa investigação partiu da produção teórico-metodológica da pesquisa participante e adotou ferramentas de pesquisa oriundas da pesquisa-formação, especialmente a partir do referencial de Marie-Christine Josso. A proposta de se perceber o processo de investigação como um “caminhar para si”, advinda da pesquisa-formação, mostra o processo inconcluso da investigação, ao mesmo tempo em que nos remete a nossa própria trajetória de

vida neste mundo – incluindo as pesquisadoras – envolvendo vários aspectos que foram historicamente e academicamente apartados do processo investigativo, tais como emoções, relacionamentos, afetividades, trajetórias vividas, dificuldades enfrentadas, etc.

Josso participou da chamada equipe de Genebra, que também contou com a participação de Pierre Dominicé e Gaston Pineau, entre outros pesquisadores de diversos países europeus. Na década de 80 do século passado o grupo vislumbrou um novo horizonte teórico no campo da educação de adultos para uma abordagem da formação centrada sobre o sujeito aprendiz, utilizando a mediação de uma metodologia de pesquisa-formação articulada às histórias de vida. Dessa forma nascia a pesquisa-formação.

Nessa perspectiva metodológica, trata-se de perceber o processo investigativo como parte de toda uma trajetória de vida de todos os envolvidos, acrescida do fato de o processo de pesquisa, nessa ótica, poder se constituir em uma oportunidade para se refletir sobre sua trajetória, na perspectiva de se projetar o futuro, tanto do grupo como individualmente. Sobre o conceito “caminhar para si”, Josso afirma:

O processo do caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural (2004, p. 59).

A proposta do processo de conhecer a si mesmo não significa apenas compreender como nos formamos e a influência de nossas experiências em nossa vida mas, para além disso, nos reconhecermos como sujeitos sociais, permitindo encarar nossos objetivos de vida daí por diante de forma mais consciente e autônoma, tornando-nos efetivamente sujeitos de nossas existências.

Os procedimentos de histórias de vida, tal como foram desenvolvidos e conhecidos pelas publicações de seus mentores, parecem articular-se a dois tipos de objetivos teóricos que, segundo Josso, são:

De uma parte, um projeto de deslocamento do posicionamento do pesquisador, mediante um refinamento de metodologias de pesquisa-formação articuladas à construção de uma história de vida. Esse refinamento visa a diferenciar melhor as modalidades e os papéis desempenhados no processo, as etapas e os projetos de conhecimento específicos para a pesquisa-formação. De outra parte, as contribuições do conhecimento dessas metodologias ao projeto de delimitação de um novo território de reflexão que abarca a formação, a auto formação e suas características, assim como os processos de formação específicos com públicos particulares (1999,¹¹ p. 14-15).

Nessa perspectiva metodológica, assim como na pesquisa participante, há uma confluência entre pesquisador(a) e pesquisado(a), pois o(a) pesquisador(a) também se sente envolvido(a) nesse processo. Nessa metodologia não existe espaço para o discurso de neutralidade e objetividade científica, pois nessa caminhada todos(as) refazem suas próprias trajetórias. Josso inclusive reconhece Paulo Freire como sendo um autor de referência que, segundo ela, “prepara o terreno” do interesse biográfico para abordar a formação do ponto de vista do aprendiz (Josso, 1999, p. 13).

As experiências individuais das mulheres artesãs funcionaram nessa investigação como pano de fundo para a análise de situações mais abrangentes de enfrentamento ou submissão à lógica, tanto do capital quanto do patriarcado. Isso não menospreza de forma alguma as experiências específicas das artesãs envolvidas na pesquisa. Pelo contrário, as narrativas abordadas aqui materializam as experiências de inúmeras mulheres, extrapolando o espaço privado e visibilizando uma diversidade de situações que não são nada individuais nem privadas. Trata-se de um processo de “coletivizar” as experiências femininas.

A prática educativa emancipadora, crítica, dialógica e humilde no sentido de valorizar os saberes já construídos pelas mulheres pode contribuir no processo de emancipação feminina, pois tanto a economia solidária como a educação po-

¹¹ Neste artigo, Josso faz um levantamento histórico da construção da metodologia da pesquisa-formação. A referência completa encontra-se no final do artigo.

pular e o feminismo partem de saberes e significados construídos pelas próprias envolvidas, e não de um saber e conhecimento já pronto e formulado que, no mais das vezes, não é significativo para o grupo.

Sendo assim, a concepção educativa proposta é uma educação que coloque a realidade das mulheres como conteúdo problematizador, que se dá em torno da relação das pessoas com o mundo, nunca o ser humano isolado desse mundo, mas em permanente relação. É problematizando o mundo do trabalho, da produção artesanal, das vivências femininas, enfim, o mundo da cultura ocidental e do patriarcado, que se torna possível vislumbrar um futuro emancipador para as mulheres.

Nessa proposta pedagógica e metodológica é importante perceber o processo de construção histórica das experiências, dos acúmulos feitos pelos seres humanos e do seu inacabamento. Como afirmou Freire na obra *Professora sim, tia não*: “Humildemente, é bom admitir que somos todos seres humanos, por isso, inacabados. Não somos perfeitos e infalíveis” (Freire, 1998, p. 82).

No que se refere à articulação entre o trabalho artesanal e o feminismo, se olharmos com mais atenção a história das famílias no Brasil, veremos que a socialização feminina passava pelo rigor e pela disciplina do aprendizado de “trabalhos manuais”, materializados enquanto técnicas como bordado, crochê, tricô e outras, realizados nos espaços domésticos e no exercício da maternidade, como tarefas para “ocupar as mulheres”. Esse processo de aprendizagem se dava muitas vezes na própria escola ou em outros espaços institucionalizados, como em igrejas, por exemplo. Em vista desses exemplos históricos, muitas mulheres na contemporaneidade passaram a rejeitar esses aprendizados em prol da luta por um processo de emancipação feminina.

Pensamos que a grande questão que se impõe é a seguinte: A atividade artesanal pode auxiliar num processo que vise à emancipação e à autonomia feminina? Ou, ao contrário, é uma ferramenta utilizada pela sociedade patriarcal

que visa à alienação da mulher, utilizada para mantê-la fora dos espaços produtivos formais e também dos espaços públicos em geral, mantendo-a confinada nos espaços domésticos?

Célia Amorós (1994), em sua abordagem sobre as concepções ideológicas do masculino e do feminino, recorre às concepções sobre os espaços privado e público. Dito dessa forma – público e privado – pode dar a impressão de que tratamos aqui de algo dicotomizado e a-histórico, mas devemos ter claro que essas concepções têm assumido conotações muito distintas em cada época histórica.

Amorós defende uma cidadania igualitária para ambos os sexos, mas admite que homens e mulheres têm ocupado posições bem distintas na sociedade, o que tem dificultado por parte das mulheres o exercício de seus direitos de cidadãs. Desenvolve a ideia de que é a partir do público que as pessoas se reconhecem e são reconhecidas como sujeitos. De acordo com essa lógica, no espaço público os sujeitos se encontram como iguais, enfim, é ali que o contrato social se estabelece. Relegadas ao espaço privado, as mulheres estão excluídas do contrato, não exercendo a igualdade.

Embora Amorós admita que em todas as épocas históricas os espaços privado e público têm assumido diferentes características, identifica uma semelhança importante entre os diversos períodos, qual seja, que as atividades socialmente mais valorizadas, as que possuem maior prestígio, são realizadas por homens. E são exatamente essas atividades que constituem o espaço público. Assim sendo, para uma atividade ser valorizada, há a necessidade de ela se tornar pública e visível.

Ao contrário, as atividades ditas femininas, e que são as desenvolvidas em espaços privados, são as mais desvalorizadas socialmente, entre as quais podemos destacar o artesanato. Seja qual for o conteúdo, não são visibilizadas (ou são pouco visibilizadas) e, conseqüentemente, pouco valorizadas publicamente.

Nos espaços privados, portanto, como não há visibilidade, não foram criados parâmetros de diferenciação, como os de competência, por exemplo. Em razão desses aspectos, Cèlia Amorós desenvolveu o conceito de “indiscernibilidade” como característico do espaço privado. Trata-se da impossibilidade de se discernir entre boas donas de casa ou cuidadoras, por exemplo. Isso se dá pela falta de critérios na caracterização dos espaços privados, uma vez que estes são invisíveis, pois estão fora dos espaços públicos. Dessa forma, o espaço privado sendo indiscernível, as mulheres não são iguais, mas *idênticas*.

Sendo assim, Amorós denomina o espaço privado como sendo o “espaço das idênticas”, que nada mais é do que o espaço da “indiscernibilidade”, “porque es un espacio en el cual no hay nada sustantivo que repartir en cuanto a poder ni en cuanto a prestigio ni en cuanto a reconocimiento, porque son las mujeres las repartidas ya en este espacio” (1994, p. 26).

Dessa forma, o espaço público se caracteriza como o espaço dos iguais (no qual a cidadania se instala como precursora da igualdade social) e o espaço privado se caracteriza como sendo o espaço das idênticas, em que não há a possibilidade de instauração de princípios de igualdade social.

Para las mujeres el espacio de las idênticas se identifica con el espacio de lo privado porque, en razón de las tareas mismas a las que históricamente se las ha condicionado, al estar en un espacio de no-relevancia están condenadas a la indiscernibilidad, no tienen por qué tener un sello propio, no tienen por qué marcar un ubi diferencial, susceptible de ser valorado de acuerdo con grados: es, por lo tanto, un espacio de indiferenciación. Es “lo indefinido” per se, el genérico por excelência [...] (Amorós, 1994, p. 28).

Sendo assim, trazemos um importante questionamento já levantado por Amorós (1994) e que sintetiza a luta pela emancipação feminina na atualidade, que é basicamente o seguinte: Qual protagonismo histórico podem ter as mulheres se a história tem sido precisamente a do espaço público, do que se vê e, portanto, daquilo que se pode registrar, gravar, narrar, enfim, deixar uma memória?

Os dados das referidas investigações indicaram que a experiência coletiva proporcionada pelo cooperativismo tem feito com que o artesanato produzido pelas mulheres cooperadas saia dos seus espaços privados de produção e “circule” em espaços públicos. Essa passagem do privado para o público tem papel fundamental quando se pensa no artesanato como possibilidade emancipatória, não apenas no aspecto econômico (enquanto produtos artesanais que passam a “circular” no mercado), mas também enquanto formação política para as artesãs, em virtude da experiência coletiva proporcionada pela cooperativa. São vivências que, uma vez compartilhadas no grupo aumentam os horizontes dessas mulheres que, dessa forma, ressignificam suas próprias trajetórias pessoais. Assim, a experiência no coletivo torna-se uma aprendizagem que extrapola as aprendizagens históricas do espaço doméstico.

Lagarde ressalta que uma nova cultura referente a gênero tem surgido a partir do paradigma patriarcal e perante a ele. Ela afirma que “en diferentes ámbitos de la vida han ocurrido cambios sociales, economicos, jurídicos, políticos, científicos y culturales que han contribuído a la transformación esencial de la feminidad” (2005, p. 797). Esse processo tem ocorrido porque a feminilidade tem se constituído em um estado de constante transformação.

Nos primórdios do movimento feminista se construiu a ideia da necessidade de mudar o mundo para se erradicar a opressão sobre as mulheres, porque no mundo se encontrava o patriarcado e a opressão. Dessa forma, concebia-se o mundo como algo distinto e separado da mulher e, portanto, a opressão do patriarcado era algo imposto e separado da condição feminina.

Apesar dos limites desse pensamento, essa concepção feminista permitiu às mulheres criticar e revalorizar seu mundo e seu próprio ser. Mesmo a relação mulheres e mundo sendo percebida de forma binária, pela primeira vez as mulheres se conceberam como seres pertencentes ao mundo, de forma positiva, e não de forma negativa, desvalorizadas e vinculadas ao “menos” e ao inferior.

Considerações finais

A partir do feminismo contemporâneo, tem sido possível desenvolver outra compreensão sobre as mulheres: que elas se constituem na síntese histórica de suas determinações sociais e culturais. Dessa forma, mundo e mulheres passam a estabelecer relações dialéticas entre si.

Nos casos investigados em Alvorada e Pelotas, a experiência coletiva proporcionada pelo cooperativismo tem proporcionado uma maior visibilidade de suas produções em espaços públicos. Essa passagem do privado para o público assume papel fundamental quando se pensa no artesanato como possibilidade emancipatória. Na contracorrente de interpretações que percebem o artesanato como mais um instrumento de dominação feminina, essa experiência investigativa mostrou que eles podem ser poderosos instrumentos de criatividade, elaboração subjetiva e formação política coletiva, extrapolando, dessa forma, o espaço privado e a individualização.

Assim sendo, é fundamental que a academia desenvolva e aprimore metodologias investigativas que se aproximem das vivências mais profundas das mulheres, pois grande parte de suas experiências de vida e de formação mais significativas são presentes ou advindas dos espaços privados e, dessa forma, pouco visíveis. Defendemos que a pesquisa-formação pode se tornar grande aliada nessa perspectiva.

Referências

ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). *A aventura (auto) biográfica – Teoria & Empíria*. 1. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

AMORÓS, Cèlia. Espacio público, espacio privado y definiciones ideológicas de “lo masculino” y “lo femenino”. In: *Feminismo: igualdad y diferencia*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1994. p. 21-52. Cap. 1.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução J. Oliveira Santos, S. J. e A. Ambrósio de Pina. S. J. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

DUBY, George. *Eva e os padres – damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BORDA, Orlando Fals. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos R. *Pesquisa Participante*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 42-62.

BRANDÃO, Carlos R. *Pesquisa participante*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *A pergunta a várias mãos – a experiência da pesquisa no trabalho do educador*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____; STRECK, Danilo R. (Org.). *Pesquisa participante: o saber da partilha*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.

CUNHA, Maria Isabel. *O professor universitário na transição de paradigmas*. Araraquara, SP: J. M. Editores, 1998.

DEIFELT, Wanda. O corpo em dor – uma análise feminista da arte pictórica de Frida Kahlo. In: STRÖHER, Marga; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2004.

_____. O corpo e o cosmo. In: TIBURI, Marcia; MENEZES, Magali de; EGGERT, Edla. (Org.). *As mulheres e a filosofia*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002. p. 255-270.

DELEMEAU, Jean. *História do medo no ocidente – 1300 a 1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não*. 9. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1998.

GAJARDO, Marcela. *Pesquisa participante na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GHIGGI, G. *A Pedagogia da autoridade a serviço da liberdade: diálogos com Paulo Freire e professores em formação*. Pelotas: Seiva Publicações, 2002.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: *Revista Estudos Feministas*, vol. 1, n. 1, Rio de Janeiro: Ciec; ECO; UFRJ, 1993.

HUBBARD, Ruth. Algumas idéias sobre a masculinidade das Ciências Naturais. In: GERGEN, Mary McCanney. *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Edusp, 1993.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1999

- KLEIN, Remi. *Histórias em jogo: ressignificando o processo educativo religioso sob um olhar etnocartográfico*. 2004. Tese (Doutorado) – IEPG, EST, São Leopoldo, 2004.
- KRAMER, Sonia. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. 3 ed. São Paulo : Editora Ática, 1998.
- LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 4. ed. México: Unam, 2005.
- LOURO, Guacira Lopes. Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças. In: ADELMAN, Miriam; SILVESTREIN, Celsi Brönstrup (Org.). *Gênero plural: um debate interdisciplinar*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.
- MURARO, Rose Marie. *Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- NYE, Andrea. *Teoria feminista e as filosofias do homem*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.
- PADILHA, Paulo Roberto. *Currículo intertranscultural: novos itinerários para a Educação*. São Paulo: Cortez Editora, 2004.
- SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- _____. O estatuto teórico da violência de gênero. In: SANTOS, José Vicente Tavares dos (Org.). *Violência em tempo de globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.
- _____. Violência de gênero no Brasil contemporâneo. In: VARGAS, Mônica Munhoz (Org.). *Mulher brasileira é assim*. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1994.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si – estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro : DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006a.
- _____. (Org.). *Autobiografias, histórias de vida e formação: ensino e pesquisa*. Porto Alegre: Edipucrs; Salvador: Eduneb, 2006b.
- STRECK, Danilo R. Pesquisar é pronunciar o mundo: notas sobre método e metodologia. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. (Org.). *Pesquisa participante: o saber da partilha*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.
- TOSI, Lucia. As mulheres e a ciência: sábias, bruxas ou sabichonas? In: *Revista Impresões: Rede Artes e Literatura Feminista*, n. 10. p. 369-397, 1987.

Recebido em: 11/4/2011

Aceito em: 23/5/2011